



**PBPC**  
ISSN 2674-9432



Qualis A3  
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no  
Google Acadêmico

## ***Desafios de enfermeiros recém-formados na inserção no mercado de trabalho***

*Francisco Braz Milanez Oliveira; Ana Caroline Marinho Silva; Ana Maria Lima Dourado; Marcelo Lima Pereira; Jadson Vinícius Nascimento Oliveira*



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p2752-2769>

Artigo recebido em 17 de Janeiro e publicado em 17 de Março de 2026

### **ARTIGO ORIGINAL**

#### **RESUMO**

A inserção de enfermeiros recém-formados no mercado de trabalho é marcada por desafios relacionados à transição entre a formação acadêmica e as exigências da prática profissional. Apesar da ampliação das áreas de atuação na enfermagem, fatores como inexperiência, insegurança e competitividade podem dificultar o início da carreira. Nesse contexto, objetivou-se analisar barreiras e estratégias relacionadas à empregabilidade e à inserção de enfermeiros recém-formados no mercado de trabalho. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de delineamento transversal e abordagem quantitativa, realizado entre agosto e setembro de 2024 com 132 enfermeiros recém-formados no Brasil, definidos como profissionais com até cinco anos de conclusão da graduação. A amostragem foi não probabilística por conveniência, utilizando a técnica snowball. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário semiestruturado aplicado online via Google Forms. Os dados foram organizados no Microsoft Excel e analisados no software SPSS versão 30.0, por meio de estatística descritiva e testes de associação (qui-quadrado de Pearson e teste exato de Fisher), adotando-se nível de significância de 5%. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE 81231124.1.0000.8007). Observou-se predominância do sexo feminino entre os participantes e maior concentração etária entre 20 e 30 anos (86,2%). Em relação à raça/cor, predominou a autodeclaração parda (61,7%). A maioria dos enfermeiros formou-se em instituições privadas (75,8%). Entre os homens, 73,3% haviam concluído especialização, enquanto entre as mulheres esse percentual foi de 37,1%, com associação significativa com o sexo ( $p=0,046$ ). Aproximadamente 68,9% relataram participação em estágios extracurriculares durante a graduação. Cerca de 42% declararam sentir-se pouco preparados para o mercado de trabalho. O uso do currículo Lattes foi mais frequente entre mulheres (74,3%). O empreendedorismo apresentou baixa adesão e apenas 3% dos participantes relataram possuir mentor de carreira. Conclui-se que a inserção de

enfermeiros recém-formados no mercado de trabalho é influenciada principalmente pela experiência prática e pela qualificação profissional, evidenciando a necessidade de estratégias formativas que fortaleçam a preparação para o exercício profissional.

**Palavras-chave:** Enfermagem; Emprego; Mercado de Trabalho.

#### ABSTRACT

The insertion of newly graduated nurses into the labor market is marked by challenges related to the transition between academic training and the demands of professional practice. Despite the expansion of areas of practice in nursing, factors such as inexperience, insecurity, and competitiveness may hinder the start of a career. In this context, the aim was to analyze barriers and strategies related to employability and the insertion of newly graduated nurses into the labor market. This is a descriptive, exploratory study with a cross-sectional design and a quantitative approach, carried out between August and September 2024 with 132 newly graduated nurses in Brazil, defined as professionals within up to five years of graduation. The sampling was non-probabilistic by convenience, using the snowball technique. Data collection was carried out through a semi-structured questionnaire applied online via Google Forms. The data were organized in Microsoft Excel and analyzed in SPSS software version 30.0, through descriptive statistics and association tests (Pearson's chi-square and Fisher's exact test), adopting a significance level of 5%. The study was approved by the Research Ethics Committee (CAAE 81231124.1.0000.8007). A predominance of the female sex was observed among the participants, with the highest age concentration between 20 and 30 years (86.2%). Regarding race/color, self-declared brown was predominant (61.7%). The majority of nurses graduated from private institutions (75.8%). Among men, 73.3% had completed a specialization, while among women this percentage was 37.1%, with a significant association with sex ( $p=0.046$ ). Approximately 68.9% reported participation in extracurricular internships during graduation. About 42% stated they felt little prepared for the job market. The use of the Lattes curriculum was more frequent among women (74.3%). Entrepreneurship showed low adherence, and only 3% of the participants reported having a career mentor. It is concluded that the insertion of newly graduated nurses into the labor market is mainly influenced by practical experience and professional qualification, highlighting the need for training strategies that strengthen preparation for professional practice.

**Keywords:** Nursing; Employment; Job Market.

**Instituição afiliada** – Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

**Autor correspondente:** *Ana Maria Lima Dourado*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **1 INTRODUÇÃO**

É inegável a expansão da enfermagem nos últimos anos, marcada pelo crescimento da categoria e pela diversificação das áreas de atuação, que incluem assistência direta ao paciente, gestão, docência, pesquisa e empreendedorismo. Cada uma dessas áreas oferece múltiplas possibilidades no mercado de trabalho. No entanto, mesmo com essa ampliação de oportunidades, a inserção do enfermeiro recém-formado ainda é permeada por inúmeros desafios<sup>(1)</sup>.

Um dos principais problemas vivenciados por esses profissionais é o descompasso entre o que é aprendido durante a graduação e as demandas reais encontradas nas instituições de saúde. Essa lacuna gera situações estressantes e aumenta a dificuldade de adaptação. Ademais, a falta de experiência, a insegurança e o receio de não ser aceito ou de não desempenhar adequadamente o papel de líder tornam o início da trajetória profissional repleto de incertezas e ansiedade, obrigando o recém-formado a lidar com o medo do desconhecido<sup>(2,3)</sup>.

O período de recém-formado, representa a fase de transição entre o ambiente acadêmico e o mercado de trabalho, marcada por descobertas e desafios. Dados indicam que, no Brasil, há 3.011.429 profissionais de enfermagem, dos quais 762.626 são enfermeiros, 384 obstetrizas, e a maioria técnicos e auxiliares de enfermagem. Apesar do elevado número, cerca de 5% dos enfermeiros estão desempregados e 1,9% encontram-se afastados temporariamente, totalizando mais de 100 mil profissionais fora de atividade. Esses números evidenciam a urgência de políticas públicas e ações estratégicas que promovam a inserção e a estabilidade profissional<sup>(4,5)</sup>.

O mercado de trabalho, cada vez mais seletivo e competitivo, exige candidatos capazes de lidar com níveis elevados de complexidade e responder às demandas de uma sociedade em constante transformação em valores, culturas, prioridades e problemas. Essa realidade tende a gerar insegurança e medo, que estão relacionados a fatores como novas responsabilidades, desafios pessoais e ausência do suporte acadêmico característico da graduação<sup>(6)</sup>.

Além disso, muitos estudantes nutrem expectativas elevadas sobre a entrada no mercado, mas acabam enfrentando obstáculos como ausência de habilidades

específicas, dificuldades de comunicação, falta de especialização e experiência prática, insegurança na execução de procedimentos técnicos e dificuldades na liderança de equipes<sup>(7)</sup>.

Para minimizar tais barreiras, estratégias como educação continuada, aprimoramento das habilidades de comunicação, participação em programas de mentoria, envolvimento em atividades de networking e marketing pessoal podem ser adotadas. É ressaltado que o estágio curricular supervisionado é um componente essencial para aproximar a formação acadêmica da realidade profissional, preparando melhor o enfermeiro para o mercado<sup>(8)</sup>.

Nesse contexto, objetivou-se analisar barreiras e estratégias relacionadas à empregabilidade e à inserção de enfermeiros recém-formados no mercado de trabalho.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, de delineamento transversal e abordagem quantitativa, conduzido entre os meses de agosto e setembro de 2024. O delineamento metodológico foi orientado pelas recomendações do *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE), por se tratar de um estudo observacional.

A população do estudo foi composta por enfermeiros recém-formados, definidos como profissionais com até cinco anos de conclusão da graduação em Enfermagem, totalizando 132 participantes. Foram incluídos indivíduos que atendiam a esse critério, residiam no Brasil e aceitaram participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos participantes que não completaram integralmente o questionário ou que não correspondiam ao perfil estabelecido para o estudo.

A amostragem foi do tipo não probabilística por conveniência, utilizando-se a técnica de amostragem em bola de neve (*snowball sampling*). Inicialmente, um participante foi convidado a responder ao instrumento e, posteriormente, indicou outros potenciais participantes que se enquadravam nos critérios da pesquisa. Esse processo foi repetido sucessivamente até atingir o número de respondentes desejado, estratégia frequentemente utilizada em estudos exploratórios.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado elaborado na plataforma Google Forms, composto por questões abertas e fechadas. O instrumento contemplou variáveis sociodemográficas, características da trajetória acadêmico-profissional, percepção sobre a inserção no mercado de trabalho, uso de tecnologias digitais e aspectos relacionados ao empreendedorismo. O acesso ao formulário ocorreu por meio de link eletrônico disponibilizado online, acompanhado do TCLE.

Os dados coletados foram inicialmente organizados no programa Microsoft Excel e, posteriormente, exportados para o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 30.0.0 para Windows. Foi realizada análise estatística descritiva, incluindo frequências absolutas e relativas, além de medidas de tendência central (média, mediana, valores mínimo e máximo) e medidas de dispersão (desvio-padrão). Para avaliar a associação entre as variáveis e o sexo dos participantes, utilizaram-se o teste qui-quadrado de Pearson e o teste exato de Fisher, quando as condições para aplicação do qui-quadrado não foram atendidas. Considerou-se nível de significância de 5% ( $p \leq 0,05$ ).

O estudo foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob Nº CAAE 81231124.1.0000.8007 e parecer nº 6.944.869. O desenvolvimento da pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos do estudo e concordaram em participar voluntariamente mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurados os princípios de confidencialidade, privacidade e proteção da integridade física e moral dos participantes.

### **3 RESULTADOS e DISCUSSÃO**

A apresentação dos resultados está organizada em dois assuntos. Na primeira trata-se do perfil sociodemográfico dos enfermeiros recém-formados, a segunda trata-se das questões acadêmicas, como a formação, estágios e especializações.

### Barreiras e estratégias de empregabilidade para inserção de enfermeiros recém-formados no mercado de trabalho

De acordo com a tabela 1 a análise da faixa etária demonstra uma predominância do sexo feminino em ambas as categorias, mas sem uma associação estatisticamente significativa ( $p=0,470$ ). Na variável raça/cor, os dados mostram que o sexo feminino tem maior representação na categoria parda (61,7%), enquanto o masculino predomina proporcionalmente entre negros (26,6%). Apesar das diferenças percentuais entre as categorias, a associação entre sexo e raça/cor não foi estatisticamente significativa ( $p=0,078$ ).

Em relação ao estado civil, foi observada uma associação estatisticamente significativa entre o sexo e o estado civil ( $p=0,023$ ). Entre os casados(as), as mulheres representam a maior parte (93,5%), enquanto os homens são uma pequena proporção (6,67%). Entre os solteiros(as), a maior parte é composta por mulheres (71,7%), e os homens representam apenas 28,2%. Essa associação destaca o estado civil como a única variável sociodemográfica com relação significativa com o sexo, evidenciando diferenças nas proporções de casados(as) e solteiros(as) entre os sexos.

**Tabela 1:** Associação entre sexo e as variáveis sociodemográficas, Caxias - MA, 2026 (n=132).

Variáveis	Sexo (n=132)				Valor- P
	Feminino (n=132)		Masculino (n=30)		
	n	%	N	%	
<b>Faixa etária</b>					0,470
20-30	88	86,2	28	99,3	
30-40	14	13,7	02	6,67	
<b>Raça/cor</b>					0,078
Branca	27	26,4	04	13,3	
Negra	12	11,7	08	26,6	
Parda	63	61,7	18	19,2	
<b>Estado civil</b>					0,023
Casado (a)	29	93,5	02	6,67	

Divorciado (a)	02	100	00	0,00
Solteiro (a)	71	71,7	28	28,2
<b>Região que reside</b>				<b>0,810</b>
Centro-Oeste	03	100	00	0,00
Nordeste	83	76,1	26	23,8
Norte	02	66,6	01	3,33
Sudeste	13	81,2	31	8,75
Sul	01	100	00	0,00

Legenda: \*Teste Qui-Quadrado \*\*Teste Exato de Fisher

A análise da Tabela 2 apresenta a associação entre diversas variáveis relacionadas à formação, experiência e percepção profissional dos enfermeiros recém-formados. Os resultados foram testados estatisticamente, com destaque para o teste qui-quadrado e o teste exato de Fisher para avaliar a significância das associações.

Quanto ao tipo de universidade e conclusão de especialização, embora a maioria dos participantes tenha se formado em instituições privadas (81,1% do sexo feminino e 64,5% do sexo masculino), não houve diferença estatisticamente significativa na distribuição por sexo ( $p=0,091$ ). No entanto, houve associação significativa entre a conclusão ou andamento de uma especialização e o sexo dos participantes ( $p=0,046$ ). Homens apresentaram maior frequência na conclusão de especializações (73,3%) em comparação às mulheres (37,1%). Isso pode refletir diferenças nas oportunidades ou nas prioridades de desenvolvimento profissional entre os gêneros.

Em relação aos estágios e atividades acadêmicas, a participação em estágios extracurriculares e o tipo de instituição onde esses estágios foram realizados não demonstraram associação estatisticamente significativa com o sexo dos participantes ( $p=0,713$  e  $p=0,841$ , respectivamente). O mesmo foi observado para atividades acadêmicas complementares, como participação em congressos e publicação de artigos ( $p=0,841$ ). Esses resultados indicam que a experiência prática durante a formação foi igualmente acessível para homens e mulheres.

A percepção de preparação para o mercado de trabalho também não mostrou associação estatisticamente significativa com o sexo dos participantes ( $p=0,541$ ). Isso sugere que, independentemente do gênero, os recém-formados enfrentaram desafios

semelhantes na transição para o mercado de trabalho. O suporte institucional para inserção no mercado também não apresentou diferença significativa entre os sexos ( $p=0,174$ ), indicando uniformidade no acesso ao apoio das instituições de ensino.

Em relação à adaptação às exigências tecnológicas, os resultados não foram significativamente diferentes entre os sexos ( $p=0,244$ ). No uso de redes sociais profissionais, como Instagram e LinkedIn, também não houve associação significativa ( $p=0,344$  e  $p=0,325$ , respectivamente). Entretanto, o uso do currículo Lattes foi mais frequente entre as mulheres (74,3%) em comparação aos homens (5,2%), embora sem significância estatística ( $p=0,0726$ ).

O empreendedorismo na enfermagem apresentou baixa adesão em ambos os sexos, e não houve diferença significativa ( $p=0,536$ ). Em relação ao número de vínculos empregatícios, também não foram observadas diferenças estatísticas significativas entre os sexos ( $p=0,335$ ). A baixa proporção de participantes com mentores de carreira (apenas 3%) foi uniforme entre os gêneros ( $p=0,720$ ).

**Tabela 2:** Associação entre sexo e suporte da instituição de ensino para inserção no mercado de trabalho. Caxias - MA, 2026 (n=132).

Variáveis	Sexo (n=132)				Valor- P
	Feminino (n=132)		Masculino (n=30)		
	n	%	N	%	
<b>Tipo de universidade de formação</b>					0,091
Privada	82	81,1	19	18,8	
Pública	20	64,5	11	35,4	
<b>Ano de conclusão</b>					0,315
2019	11	84,6	02	15,3	
2020	05	50,0	05	50,0	
2021	14	73,6	05	26,3	
2022	26	81,2	06	18,7	
2023	46	79,3	12	20,6	
<b>Concluiu ou possui especialização/pós graduação</b>					0,046
Especialização concluída	49	37,1	22	73,3	



Especialização em andamento	27	20,5	14	46,7
Não iniciou especialização/pós- graduação	15	11,4	05	16,7
<b>Participou de algum estágio voluntário extracurricular durante a graduação</b>				<b>0,713</b>
Não	33	80,4	08	19,5
Sim	69	75,8	22	24,1
<b>Em que tipo de instituição que realizou estágios extracurriculares</b>				<b>0,841</b>
Hospital Público	31	25,5	10	33,3
Unidade Básica de Saúde - UBS	19	14,4	04	13,3
Hospital Particular	10	7,6	00	0,0
Maternidade	02	1,5	00	0,0
Unidade de pronto atendimento	02	1,5	00	0,0
Samu	01	0,8	11	36,7
Corpo de bombeiro militar	01	0,8	00	0,0
<b>Atividades extracurriculares desenvolvidas durante a formação</b>				<b>0,841</b>
Estágio voluntário/extracurricular	35	37,6	10	24,4
Participação em Congressos/Simpósios e eventos científicos	20	40,2	02	22,3
Projeto de pesquisa	19	33,3	01	9,1
Projeto de extensão	03	100	00	0,0
Liga acadêmica	17	34,0	02	10,2
Publicação de artigos	18	33,3	00	0,0
Publicação de capítulos de livros	03	25,2	00	0,0
Grupo de estudo	02	22,2	00	0,0

<b>O suporte ou orientação da instituição de ensino foi suficiente para ajudar na inserção no mercado de trabalho</b>					0,174
Sim	52	71,6	15	71,6	
Não	87	83,8	20	28,3	
<b>Recebeu algum bolsa/incentivo financeiro da universidade durante a formação</b>					0,335
Não	85	79,4	22	20,5	
Sim	17	79,4	08	30,5	
<b>Cursou alguma disciplina sobre empreendedorismo/empregabilidade durante a formação</b>					0,780
Não	76	78,3	21	21,6	
Sim	26	74,2	09	25,7	
<b>A cada cinco professores enfermeiros (a)s na graduação, quantos abordavam a importância do empreendedorismo nas aulas</b>					0,328
01 professor	28	70,0	12	30,0	
02 professores	26	70,2	11	29,7	
03 professores	17	80,9	04	19,5	
04 professores	05	100	00	0,0	
05 professores	07	87,5	01	12,5	
Nenhum	19	90,4	02	9,5	
<b>Se sentia preparado para o mercado de trabalho quando se formou?</b>					0,541
Sim, um pouco	43	78,1	12	21,8	
Sim, razoavelmente	27	72,9	10	27,3	
Não estava preparado	20	86,9	03	13,4	
Sim, muito	12	70,5	05	29,4	
<b>Teve dificuldade em adaptar-se às exigências tecnológicas do mercado de trabalho (uso de software, equipamentos, etc.)</b>					0,244
Não	84	75,0	28	25,0	
Sim	18	90,0	02	10,0	
<b>Tem perfil na rede social Instagram profissional</b>					0,344
Não	76	76,7	23	23,2	

Sim	26	78,7	07	21,2	
<b>Tem currículo Lattes</b>					0,0726
Não	18	94,7	01	5,2	
Sim	84	74,3	29	25,6	
<b>Tem perfil na rede social LinkedIn</b>					0,325
Não	19	26,7	00	0,0	
Sim	101	74,3	12	21,8	
<b>Atualmente você</b>					0,864
Trabalha e estuda	51	79,6	13	20,3	
Apenas trabalha	20	74,7	05	21,7	
Não trabalha	18	78,2	05	21,7	
Apenas estuda	13	72,2	05	27,7	
<b>Atualmente trabalha como enfermeiro</b>					0,975
CLT – carteira assinada	50	75,7	16	24,2	
Não está trabalhando como enfermeiro (a) atualmente	43	78,1	12	21,8	
Concursado	03	75,0	01	25,0	
Autônomo/Empreendedor	06	85,7	01	14,2	
<b>Média de tempo para empregabilidade na área (n=72)</b>					0,620
Até 6 meses	21	40,2	10	84,6	
7 a 12 meses	27	72,9	00	0,0	
Acima de 12 meses	10	23,2	04	19,4	
<b>Emprende na área da enfermagem ou saúde</b>					0,536
Não	110			11	
Sim	11			0,0	
<b>Tipo de empreendimento</b>					0,949
Cursos e treinamentos	04	40,2	01	84,6	
Atendimento a domicílio na área	03	72,9	0,0	0,0	
Home care					
Estética	10	23,2	04	19,4	

<b>Jornada de trabalho como enfermeiro</b>					<b>0,411</b>
26 a 44 horas	55	89,8	05	20,4	
20 a 30 horas	05	20,4	01	9,2	
Acima de 60 horas	03	18,1	00	0,0	
4 a 12 horas	03	18,1	00	0,0	
<b>Número de vínculos empregatícios</b>					<b>0,335</b>
0 vínculo	45	34,1	25	83,3	
1 vínculo	34	25,8	10	33,3	
2 vínculos	14	10,6	04	13,3	
<b>Possui mentor ou orientador de carreira que auxilia na busca por emprego</b>					<b>0,720</b>
Não	99	96,7	29	75,0	
Sim	04	3,0	00	0,0	

Legenda: \*Teste Qui-Quadrado \*\*Teste Exato de Fisher

Entre os enfermeiros recém-formados participantes deste estudo, observou-se predominância do sexo feminino, faixa etária entre 25 e 29 anos, solteiros, pardos e residentes da região Nordeste. Esses achados relativos às características socioeconômicas e demográficas corroboram resultados obtidos em outras pesquisas. Também se identificou prevalência feminina entre enfermeiros recém-formados, realidade atribuída a fatores históricos, sociais e culturais, em que a profissão é associada a atenção e empatia, atributos frequentemente estereotipados como femininos. De forma semelhante, estudo realizado com 61 enfermeiros recém-formados no Espírito Santo verificou perfil majoritariamente feminino, jovem, solteiro e sem filhos<sup>(12,13)</sup>.

No que se refere à variável raça/cor, a maioria dos participantes desta pesquisa se autodeclarou parda (59%), resultado próximo ao encontrado nesta amostra, em que o sexo feminino predominou nessa categoria (61,7%), enquanto o masculino apresentou maior proporção entre os negros (26,6%). Apesar das diferenças percentuais, não houve associação estatisticamente significativa entre sexo e raça/cor ( $p=0,078$ ). Em contrapartida, investigação com egressos de enfermagem em Duque de Caxias/RJ identificou predominância de brancos, atribuindo a discrepância a fatores sociais e econômicos<sup>(6)</sup>.

Em relação ao estado civil, verificou-se associação estatisticamente significativa entre sexo e estado civil ( $p=0,023$ ). Entre os casados(as), as mulheres representaram a grande maioria (93,5%), enquanto os homens corresponderam a apenas 6,67%. Entre os solteiros(as), as mulheres também foram maioria (71,7%), em comparação a 28,2% de homens. Esse achado evidencia o estado civil como a única variável sociodemográfica com associação significativa com o sexo, ressaltando que diferenças nas proporções de casados(as) e solteiros(as) podem refletir questões sociais, culturais e até mesmo relacionadas às escolhas pessoais e profissionais no início da carreira. Em consonância com esses achados, estudo mostrou que o perfil socioeconômico dos participantes apresentou a mesma predominância<sup>(13)</sup>.

No que diz respeito à trajetória acadêmico-profissional, verificou-se que 75,8% dos participantes concluíram a graduação em universidades privadas, resultado semelhante ao identificado em outras pesquisas. Essa predominância é favorecida por bolsas de estudo oriundas de programas governamentais, que ampliam o acesso ao ensino superior privado e democratizam a formação em enfermagem. De acordo com os dados desta pesquisa, tanto mulheres (81,1%) quanto homens (64,5%) se formaram predominantemente em instituições privadas, não havendo diferença estatisticamente significativa ( $p=0,091$ )<sup>(14)</sup>.

Por outro lado, a conclusão ou andamento de especializações apresentou associação significativa com o sexo ( $p=0,046$ ). Homens apresentaram maior frequência na conclusão de especializações (73,3%) em comparação às mulheres (37,1%). Esse resultado é relevante, pois especializações se consolidaram como critério determinante para contratação, o que sugere que, embora as mulheres predominem numericamente na profissão, os homens desta amostra buscaram mais frequentemente a qualificação adicional, possivelmente para aumentar sua competitividade no mercado. Tal achado reforça a discussão de que há um descompasso entre as exigências do mercado e a formação inicial, exigindo maior incentivo à especialização para todos os recém-formados<sup>(15)</sup>.

Em relação à experiência prática, 68,9% dos entrevistados realizaram estágios voluntários e extracurriculares, aspecto que não demonstrou associação significativa com o sexo ( $p=0,713$ ). Tais estágios favorecem a inserção profissional, pois possibilitam criação de vínculos, desenvolvimento de habilidades e ampliação da experiência. Nessa

mesma perspectiva, o estágio extracurricular confere diferencial competitivo e aumenta as chances de conquista do primeiro emprego. Atividades complementares, como participação em congressos e publicação de artigos, também não apresentaram diferença significativa entre os sexos ( $p=0,841$ ), revelando equidade no acesso a essas oportunidades<sup>(16,7)</sup>.

A percepção de preparo para o mercado de trabalho não apresentou associação estatisticamente significativa com o sexo ( $p=0,541$ ), mas aproximadamente 42% dos participantes declararam sentir-se pouco preparados. Essa percepção foi atribuída, principalmente, à insegurança na execução de procedimentos técnicos e às dificuldades no exercício de atividades gerenciais. Recém-formados enfrentam desafios ao assumir funções de liderança, sendo necessário equilibrar habilidades técnicas e gerenciais sem experiência prévia, além de conquistar a confiança de profissionais mais experientes. A inserção no mercado é dificultada pela escassez de oportunidades, exigência de experiência prévia e alta competitividade, especialmente em áreas que demandam maior autonomia e tomada de decisão<sup>(17-19)</sup>.

No campo tecnológico, não foram observadas diferenças significativas entre os sexos quanto à adaptação às exigências digitais ( $p=0,244$ ). O uso de redes sociais como Instagram e LinkedIn também não apresentou associação significativa ( $p=0,344$  e  $p=0,325$ , respectivamente). Contudo, o uso do currículo Lattes foi mais frequente entre as mulheres (74,3%) em comparação aos homens (5,2%), embora sem significância estatística ( $p=0,0726$ ). Esses achados dialogam com pesquisas que apontam a incorporação crescente de ferramentas digitais nos cursos da saúde e defendem a utilização estratégica de redes sociais para fortalecimento profissional, networking e ampliação das oportunidades de inserção<sup>(20,21)</sup>.

O empreendedorismo em enfermagem apresentou baixa adesão, sem diferença significativa entre os sexos ( $p=0,536$ ). A ausência dessa disciplina durante a graduação reflete limitações do corpo pedagógico e lacunas curriculares. Defende-se que a formação em enfermagem deveria contemplar conteúdos que incentivassem inovação e atuação empreendedora, sobretudo em um mercado competitivo e em constante transformação. Da mesma forma, não foram encontradas diferenças estatísticas em relação ao número de vínculos empregatícios ( $p=0,335$ ) ou à presença de mentores de carreira ( $p=0,720$ ), sendo esse último um dado crítico, já que apenas 3% dos

participantes afirmaram contar com essa orientação<sup>(22,23)</sup>.

Dessa forma, os achados deste estudo apontam para a necessidade de estratégias institucionais e políticas públicas voltadas a fortalecer a transição academia-trabalho, estimular a formação continuada e ampliar oportunidades de inserção profissional. Isso inclui desde maior valorização da prática de estágios até incentivo ao uso de ferramentas digitais, à realização de especializações e ao desenvolvimento de competências empreendedoras. Assim, será possível reduzir lacunas na formação, preparar melhor os enfermeiros recém-formados e promover maior equidade na inserção no mercado de trabalho<sup>(24)</sup>.

#### **4 CONCLUSÃO**

Os enfermeiros recém-formados, ao concluírem sua trajetória acadêmica, deparam-se com uma série de desafios que dificultam sua inserção no mercado de trabalho. A presente pesquisa identificou que, entre os principais obstáculos, destacam-se a inexperiência, a ausência de especialização, a escassez de vagas, a alta competitividade, a remuneração abaixo do esperado e a falta de determinadas habilidades específicas exigidas pelo ambiente profissional. Tais fatores, além de dificultarem a entrada no mercado, comprometem o desenvolvimento pessoal e profissional desses enfermeiros.

Entre as ações mais relevantes para enfrentar essas dificuldades, destacam-se a participação em programas de estágios voluntários ou extracurriculares, a inscrição em plataformas de emprego, o envio de currículos de forma estratégica, a busca por qualificações profissionais adicionais e o uso de redes sociais com fins de networking. Essas iniciativas podem favorecer significativamente a conquista do primeiro emprego e a adaptação ao ambiente de trabalho.

Assim, esta pesquisa contribui não apenas para o fortalecimento da formação acadêmica, mas também para a produção de conhecimento científico direcionado aos recém-formados e à sociedade em geral, oferecendo subsídios para a compreensão e superação dos desafios enfrentados por esses profissionais no início de suas carreiras.

#### **5 REFERÊNCIAS**

1. Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Mercado de trabalho para enfermagem amplia áreas de atuação [Internet]. 2018 [cited 2024 Mar 11]. Available from: <https://www.cofen.gov.br/mercado-de-trabalho-para-enfermagem-amplia-areas-de-atuacao/>
2. Rodrigues EE, et al. Desafios enfrentados por enfermeiros em início de carreira. Rev Esc Enferm USP. 2021. doi:10.22533/at.ed.67325210110
3. Domingos ORS, et al. Recém-formado em enfermagem: a insegurança e as dificuldades de enfrentamento ao mercado de trabalho. Rev Remecs. 2022;7(12):75-80. doi:10.24281/rremecs2021.7.12.75-80
4. Almeida RO, et al. Enfermeiros recém-formados e o cuidado intensivo em unidades de pacientes não-críticos. Rev Bras Enferm. 2019;72(1):243-51. doi:10.1590/0034-7167-2017-0713
5. Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Quantitativo de Profissionais por Regionais [Internet]. 2024 [cited 2024 Mar 11]. Available from: [https://descentralizacao.cofen.gov.br/sistema\\_SC/grid\\_resumo\\_quantitativo\\_profissional\\_externo/grid\\_resumo\\_quantitativo\\_profissional\\_externo.php](https://descentralizacao.cofen.gov.br/sistema_SC/grid_resumo_quantitativo_profissional_externo/grid_resumo_quantitativo_profissional_externo.php)
6. Maciel RS, Silva MBT, Silva BR. Empregabilidade e trabalhabilidade: formação e inserção do enfermeiro no mercado de trabalho. Rev Saúde Pesqui. 2022;15(4). doi:10.17765/2176-9206.2022v15n4.e11017
7. Mello PB, et al. Desafio do egresso de enfermagem para inserção no mercado de trabalho. Rev Pró-UniverSUS. 2021;12(2):47-52. doi:10.21727/rpu.v12i2.2683
8. Begum A. Navegando pelas lutas de uma enfermeira recém-formada [Internet]. Nurses. 2023 [cited 2024 Mar 12]. Available from: <https://www.nurses.co.uk/blog/navigating-the-struggles-of-a-newly-qualified-nurse/>
9. Baldin N, Munhoz EM. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). Rev REMEA. 2012;27(2):329-41. Available from: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3193>
10. Scottini A. Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Todolivro; 2017.
11. Marconi MA, Lakatos EM. Metodologia científica. 8ª ed. São Paulo: Atlas; 2022.
12. Ferreira TA, et al. Enfermagem como opção na Universidade do Brasil. Rev Hist Enferm. 2023;14(1). Available from: <https://periodicos.abennacional.org.br/here/article/view/143>
13. Coelho MP, et al. Desafios na formação de enfermeiros na perspectiva dos egressos. Braz J Health Rev. 2020;3(5):13274-91. doi:10.34119/bjhrv3n5-154
14. Frota MA, et al. Mapeando a formação do enfermeiro no Brasil: desafios para atuação em cenários complexos e globalizados. Ciênc Saúde Colet. 2020;25(1). doi:10.1590/1413-81232020251.27672019
15. Shoji S, et al. The training of Nursing graduates and their strangeness in the world of health work. Res Soc Dev. 2021;10(1). doi:10.33448/rsd-v10i1.11558
16. Silva ANC, et al. Estágio extracurricular de Enfermagem: estratégia para a formação profissional. Rev Enferm. 2019;10(4):129-35. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/controlecancer/resource/pt/biblio-1052819>



17. Oliveira VRC. Liderança em Enfermagem: um desafio vivenciado pelo enfermeiro recém-formado. Rev FAIT. 2020. Available from: [http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque)
18. Lima HPG, et al. Empregabilidade do recém-formado em enfermagem: uma revisão integrativa. Rev Foco. 2023;16(10). doi:10.54751/revistafoco.v16n10-085
19. Clapis MJ, et al. Professional insertion of registered nurses: a study with alumni. Rev Esc Enferm USP. 2021. doi:10.1590/S1980220X2020013003745
20. Biffi P, et al. Satisfação de Enfermeiros com a utilização de um software para registro do processo de Enfermagem. Recima21. 2023;4(4). doi:10.47820/recima21.v4i4.2993
21. Azevedo GA, Souza DA, Nogueira RL. Redes pessoais de egressos do sistema prisional e inserção no mercado de trabalho. Rev Ciênc Soc. 2022;27(2):1-23. doi:10.5433/2176-6665.2022v27n2e45729
22. Annechini DS. Empreendedorismo como disciplina na grade curricular do curso de Enfermagem. Rev Ibero-Am Estud Educ. 2022;8(2). doi:10.51891/rease.v8i2.4266
23. Cunha MA, et al. A inserção profissional de enfermeiros recém-formados. Rev Gepesvida. 2019;5(10). Available from: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/333/167>
24. Victor AC, et al. Serviço voluntário para o enfermeiro recém-formado. Cienc Cuid Saude. 2020;19(10). doi:10.4025/ciencucuidsaude.v19i0.47703